

YOUSAFZAI, Malala; McCORMIK, Patricia. **Eu sou Malala**: como uma garota defendeu o direito à educação e mudou o mundo. São Paulo: Seguinte, 2015. Trad. Alessandra Esteche.

Malala nasceu em Swat, em 12 de julho de 1997, Paquistão, sua cidade natal fica às margens do rio Swat, também denominado vale Swat. Sua família composta por pai, mãe e dois irmãos mais novos, são o centro da sua formação educacional e política. Educacional porque seu pai seu maior incentivador nos estudos, foi também diretor de uma escola na sua pequena cidade natal, que Malala frequentou até o dia de seu atentado, que a fez sair de seu país, cidade que tanto amava. O relato de Malala é envolvente, o olhar que ela tem sobre as questões que envolveram suas ações é de uma pessoa extremamente determinada a mudar uma situação, a causa de Malala veio em função de perceber que em seu país as mulheres (principalmente as meninas) não deveriam frequentar a escola, para ela de extrema relevância na transformação social delas. Cheia de experiências construídas sob um olhar infantil feminino que ao longo da leitura se transforma em um olhar de menina politizada, ao longo da leitura pode-se aprender também sobre como foi a invasão do Talibã no Paquistão, as atrocidades e terrorismo causadores da destruição de algumas cidades, dentre elas a cidade de Malala, Swat.

Malala começa sua narrativa do ponto final de sua vida em Swat, qual seja, o dia que ela sofre o atentado no ônibus escolar por ativistas do Talibã, com mais duas meninas da escola, que também foram atingidas, todas sobreviveram. Assim, antes do atentado Malala narra sua vida de menina na casa dos seus pais com seus irmãos, Atal e Khushal. A importância que sempre deu aos estudos, sua relação com as amigas na escola, principalmente a mais próxima, que viviam brigando por motivos fúteis, mas sempre significaram muito para Malala, pois ela aprendeu a ter muita paciência com pessoas que amava e que lhe eram difíceis, Moniba, o nome da amiga.

Seu nome faz referência a heroína Malalai, também da mesma tribo pachtuns de Malala, teve um significado importante na vida da menina, pois a heroína foi uma mulher independente e corajosa. Malala começou a ler aos cinco anos de idade, e de acordo com sua narrativa, sempre esforçou-se para ser a número um em sua escola, que seu pai foi diretor e o faz tudo na escola. Houve duas ocasiões que seu esforço foi em vão, pois uma colega conseguiu ficar em primeiro lugar. Malala, descreve sua vida simples e de sua família em Swat, as brincadeiras com os colegas e irmãos, que descreve como “coelhos”, por serem muitos a brincarem, descreve também a situação de pobreza ao em torno de sua casa, onde havia um lixão, e que crianças menos favorecidas compartilham as migalhas desse lugar. Diante disso, sua mãe, uma mulher de muita sensibilidade e coerente com a ética humana, começa a dispor de bocados de comida em sua janela, possibilitando que crianças e idosos, pudessem partilhar algo digno para saciar sua fome. A mãe de Malala não teve oportunidade de frequentar uma escola, assim como milhares de mulheres no país, porém, sempre incentivou a filha (Malala) em seguir seu caminho, não apenas nos estudos, mas também na vida política, incentivada principalmente pelo seu pai. Ambos pai e mãe de Malala, são responsáveis por sua determinação em lutar pela causa da educação para as meninas no Paquistão e no mundo.

Antes da invasão dos Talibãs, por meio da rádio local, um membro do Talibã, Fazlullah, usa a Rádio Mulá FM, para disseminar e impor as regras do Talibã, regras essas que puniam aqueles que não se curvavam, tais como: meninas não devem ir à escola, os pais que não cumprissem essa regra, eram mutilados, ou suas meninas apanhavam em praças públicas. A Burca para as mulheres foi imposta pelo Talibã, antes as mulheres não eram obrigadas a usarem a Burca total. As mulheres também não deveriam sair à rua sozinhas, mas apenas com seus maridos, pais ou irmãos. Também por meio de Fazlullah, as casas não podiam ter televisão, e aquelas que tinham só deveriam assistir a programas

que o Talibã aprovassem. Na casa de Malala, a televisão foi colocada dentro de um armário, para que ninguém pudesse identificar a existência do aparelho, sempre ligada sem som, ou com o som mínimo, pois as crianças da casa, incluindo Malala, gostavam de assistir desenhos animados

Dentre as narrativas históricas de Malala, é o fato da volta de Benazir Bhutto em 2007, a primeira mulher a ser primeira-ministra no Paquistão, antes Benazir vivia asilada no Reino Unido, e sua volta significava que ela iria concorrer de novo ao cargo, porém Benazir foi assinada pelo Talibã e Malala, assim como sua família e demais Paquistaneses, viram a líder ser assinada pela televisão, Malala ficou chocada.

Em 2008 por meio da rádio Mulá FM, Fazlullah, determina que nenhuma menina deve frequentar a escola, em janeiro de 2009 quando começaria as férias e a incerteza da volta as aulas, o pai de Malala é procurado por um jornalista da BBC, que propõe que ele selecione uma aluna mais velha para redigir um diário sobre as condições das crianças no Paquistão. Porém nenhum pai permitiu que suas filhas participassem dessa atividade, assim pela primeira vez Malala começa a redigir as ações do Talibã no Paquistão que impediam as crianças de frequentarem a escola. Sob o pseudônimo de Gul Makai (que significa “centáurea-azul”) começa a escrever sobre o assunto, logo após a determinação de Fazlullah, sendo tema de seu primeiro diário “Estou com medo”, mesmo usando um pseudônimo, sua amiga Moliba, consegue identificar a autora do diário, e seu pai fica apreensivo com a vida de Malala.

Nesse período o pai de Malala, em defesa das crianças que frequentavam a escola, orientou que essas crianças não deveriam ir à escola de uniforme, principalmente as meninas, para que elas não fossem identificadas como estudantes. Ainda, no mesmo período seu pai com alguns amigos formaram uma oposição ao Fazlullah, e por isso a família de Malala vivia correndo perigo

Quando da invasão do Talibã ao vale de Swat, a família de Malala é obrigada a deixar a cidade, assim como a maioria dos seus moradores, e se refugiarem nas montanhas, de onde os Talibãs haviam saído. O Exército Paquistanês, tentou desarticular a ação dos Talibãs, mas sem sucesso imediato, fazendo com que vários confrontos fossem realizados no vale, mas sem sucesso do exército é sim dos Talibãs, destruindo e fazendo vítimas fatais.

Quando o exército Paquistanês consegue “expulsar” os Talibãs do vale Swat, a família de Malala retorna à cidade, o que encontram é uma cidade em ruínas, assim como a escola que estudava. Mas com a ajuda de alguns amigos a escola voltou a funcionar, precariamente, mas ainda assim dando espaço para que as meninas tivessem oportunidade a educação, mesmo que poucas, pois os pais do vale tinham medo de permitirem que suas filhas voltassem a escola, nesse período Malala narra como especial carinho a atitude de uma professora Maryam.

Malala torna sua causa visível ao mundo em 2010, quando tinha apenas 12 anos, sua escola foi convidada a participar de uma “Assembleia Distrital das Crianças do Swat” criada pela UNICEF. Na oportunidade Malala foi escolhida como oradora da turma, a partir de então Malala divulga o que seu coração sempre almejou, defender a educação para meninas no mundo. Mas em 2011, o Talibã volta sorrateiramente a agir no Paquistão, e seu pai é ameaçado diretamente, principalmente por manter a escola aberta com meninas estudando. No mesmo ano seu pai recebe um e-mail onde o nome de MALALA é indicado ao prêmio internacional da paz da Kids Rights, sendo indicado pelo Arcebispo Desmond Tutu, da África do Sul, e também um convite para falar em uma conferência sobre Educação em Lahore, assim a escola receberia lap top para todos os seus alunos. Malala no mesmo ano ganhou o prêmio Nacional da Paz do Paquistão, na ocasião da premiação a menina fez um pedido ao governo Paquistanês, que todas as escolas destruídas pelos Talibã fossem reconstruídas, e que fosse fundada uma Universidade para as meninas no seu vale, após Malala ter

sido premiada, esse prêmio ficou registrado que seria entregue anualmente e que seria o Prêmio Malala.

Em 2012 Malala já era conhecida em todo o mundo e sua causa em favor da educação de meninas se tornou a causa de muitos. Porém a ameaça em torno de sua vida não tinha sido esquecida pelo líder do Talibã em sua cidade, Fazlullah, assim mensagens disseminadas no google sobre incentivo a morte de Malala, foi identificada pelo seu pai, porém nada disso fez com que Malala parasse de lutar em defesa da educação de meninas.

Em nove de outubro de 2012 Malala foi baleada no ônibus que iria leva-la da escola para casa, ela e mais duas amigas. Fazlullah assume a autoria do atentado. Depois do atentado, Malala passou por várias cirurgias, pois as balas (três) atingiram o crânio, as mãos e o abdômen. Malala quando consegue tomar conhecimento do que havia acontecido com ela foi após três meses de internações, que primeiro foi atendida no Hospital Central de Swat, depois levada de helicóptero para o Hospital de Peshawar, médicos britânicos que estavam próximos da cidade, foram acionados pelo exército paquistanês, e levados até Malala (Dra. Fiona e Dr. Javid, descritos por Malala como seus anjos protetores). Todo o Hospital recebeu reforço militar, pois os Talibãs ficam sabendo que o atentado a Malala não obteve sucesso, e o Governo do Paquistão teme que novo atentado seja realizado. Os médicos Britânicos após analisar a situação de saúde de Malala, informam que se ela não for retirada do Hospital e ir para um Hospital que tenha condições de fazer as cirurgias necessárias, ela não sobreviria. Assim, Malala é transferida de jato do governo do Paquistão para o hospital de Birmingham na Inglaterra.

Assim, Malala, foi tratada por vários especialistas, o mundo se comoveu com o que havia ocorrido com aquela menina de apenas 15 anos, que defendia a causa da educação para meninas no mundo. Malala ficou no hospital sem seus familiares, pois os mesmos só conseguiram viajar ao encontro dela no mês seguinte. Malala relata que no começo da sua recuperação, a Dra. Fiona lhe deu um urso, que Malala pensava ser verde, mas que depois descobriu que ele sempre foi branco e que foi doado por uma das inúmeras pessoas que se solidarizaram com seu estado de saúde. Outro relato de Malala no período de sua internação é que ela não conseguia falar, e que a mesma Dra. Ihe deu um caderno para que ela pudesse se comunicar, foi dessa forma que ela ficou sabendo onde estava e qual era seu estado de saúde, também uma grande preocupação de Malala foi: quem iria arcar com os custos do seu tratamento? pois ela tinha certeza que sua família não tinha esses recursos. Essa preocupação foi dirimida quando o Presidente do Paquistão foi visita-la e informou que os custos de seu tratamento seriam pagos pelo Governo de seu país. Malala descreve também como ficou desfigurada, e que seus pais ficaram comovidos com a aparência dela no primeiro encontro, mas ela se manteve forte e pensava, “o que é um rosto diante da oportunidade de continuar viva”, e que mesmo esse constrangimento não deixava que ela continuasse a pensar o quanto Deus foi generoso com ela por ter permitido que ela estivesse viva.

Outro ponto forte da narrativa de Malala é a fé, em várias ocasiões em seu livro ela recorre ao diálogo com Deus, pedindo, orando e procurando explicações para as situações de sua vida de criança, de sua família e do povo Paquistanês.

Malala vive hoje na Inglaterra, pois os conflitos em seu país, ainda ameaça sua vida e de sua família. Antes do atentado Malala já havia fundado a Fundação Malala, em prol da educação de crianças no mundo.

Em 12 de julho de 2013, quando do seu aniversário de 16 anos Malala discursa na ONU.

“Queridos irmãos e irmãs,

Lembre-se de uma coisa: o Dia de Malala não é meu dia. Hoje é o dia de todas as mulheres, todos os meninos e todas as meninas que levantam a voz pelos seus direitos. Milhares de pessoas foram mortas por terroristas, e milhões ficaram feridas. Sou apenas uma delas.

Então aqui estou eu ... uma menina entre tantas.

Falo não por mim, mas por todas as meninas e todos os meninos. Levanto minha voz não para gritar , mas para que aqueles que não têm voz possam ser ouvidos. Aqueles que lutam por seus direitos. O direito de viver em paz. O direito de ser tratado com dignidade. O direito à igualdade de oportunidade. O direito a educação.

No dia 09 de outubro de 2012 fui baleada pelo Talibã na têmpora esquerda. Eles atiraram nas minhas amigas também. Achavam que as balas nos silenciariam. Mas falharam. E então, daquele silêncio, surgiram milhares de vozes. Os terroristas acharam que mudariam nossos objetivos e impediriam nossas ambições, mas nada mudou em minha vida além disto: a fraqueza, o medo e a desesperança morreram. A força, o poder e a coragem nasceram. Sou a mesma Malala. Minhas ambições são as mesmas. Minhas esperanças são as mesmas. Meus sonhos são os mesmos.

Uma criança, um professor, uma caneta e um livro podem mudar o mundo”.

Essa é Malala, menina/mulher, determinada a mudar o mundo por meio da educação infantil, mesmo com ameaças e dificuldades, mas com um objetivo claro e direto.